

Ocupar territórios imaginários: a narrativa ficcional de Olívio Jekupé¹

Paulo Victor Albertoni Lisboa²

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir a noção de literatura nativa, a partir das narrativas ficcionais infantojuvenis de Olívio Jekupé, escritor Guarani. Com uma produção literária contemporânea que versa sobre trânsitos sucessivos entre a aldeia e a cidade, a casa e a escola, entre mundos e modos de conhecimento, Olívio Jekupé inscreve em sua literatura o imaginário Guarani das “andanças” (*-guata*, “andar” ou “viajar”), do qual são exemplos a busca pela terra sem mal e a caminhada dos gêmeos Sol e Lua, matéria de ficcionalização. O diálogo entre crítica literária e etnologia desdobra, portanto, um lugar produtivo para a compreensão da escrita intermediária de Olívio Jekupé, que anuncia a prerrogativa para os múltiplos deslocamentos: a existência da *tekoa*, a produção e reprodução da vida Guarani.

Palavras-chave: nativa ficcional; escrita intermediária; Guarani; Olívio Jekupé.

Occupy Imaginary Territories: the fictional narrative of Olívio Jekupé

Abstract: This paper aims to discuss the native literature concept through the Olívio Jekupé's children's and youth fictional narratives. The author's contemporary literature deals with successive transits between the village and the city, house and school, worlds and ways of knowledge, Olívio Jekupé inserts in his literature the guarani imagination theme the “journey” (*-guata*, “walking” or “travelling”), from which are examples the searching for the land with no evil and the walking of the twins Sun and Moon. The dialogue between literary criticism and ethnology unfolds, therefore, a productive place of comprehension about Olívio Jekupé's intermediate writing, which announces the multiple displacements: the *tekoa* existence, the production and reproduction of guarani people's life.

Keywords: native literature; fiction; intermediate writing; Guarani; Olívio Jekupé.

Literatura nativa

Olívio Zeferino da Silva, nascido em 1965, em Nova Itacolomi (PR), teve, desde muito cedo, na figura de sua mãe e de sua avó, o aprendizado da situação indígena no país e o conhecimento de sua família Guarani. Apenas mais tarde, com o acúmulo de relações com outros povos indígenas, e de suas sucessivas empreitadas na graduação em filosofia, primeiro na PUC-PR e depois na USP, ambas sem conclusão, Olívio Zeferino da Silva aproximou-se das aldeias Guarani Mbyá da região metropolitana de São Paulo (SP). Foi nessa ocasião

1 O presente artigo foi originalmente apresentado no V Simpósio Paranaense de Ciências Sociais na Unioeste – Toledo/Paraná, em 2016, e agora publicado a convite da Revista Tempo da Ciência, junto aos demais trabalhos apresentados no simpósio e autorizados pelos autores.

2 Doutorando em Antropologia Social – UNICAMP. E-mail: pauloalbertonilisboa@gmail.com

em que conheceu sua esposa Maria Kerexu, e fora convidado a participar do *nbemongarai*, “batismo da almas”, quando recebeu o nome Tupã Jekupé.

Embora Jekupé tenha começado a escrever literatura por volta de 1984, sua atividade literária dependeria de meios independentes e do financiamento do próprio autor. Esse cenário sofreria uma profunda alteração quando impulsionado pelas experiências em educação escolar diferenciada, tal qual definida pelo Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (BRASIL, 1998), e a formação de professores indígenas e produção de materiais escolares, proposta pelo Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2001). Posteriormente, a lei nº 11.645/2008 definiu, ainda, a obrigatoriedade do ensino da cultura e história afro-brasileiras e indígenas, a nível fundamental e médio.

Esse contexto promoveu o interesse de editoras brasileiras por obras produzidas por escritores indígenas. Mais do que isso, o contexto foi propício também para a criação do Núcleo de Escritores e Artistas Indígenas (NEARIN), em parceria com a Fundação Nacional do Livro Infantojuvenil (FNLIJ), no ano de 2004. Nesse encontro foram definidas muitas das orientações editoriais para a literatura indígena, enquadrada na categoria editorial de “literatura infantojuvenil”. Se por um lado a afinidade do NEARIN com a FNLIJ instituiu um lugar de publicização da atividade literária de escritores indígenas no Brasil, por outro lado, não foram ampliadas as categorias editoriais para a literatura indígena, e, em longo prazo, isso pode ter significado a infantilização dessa produção literária.

Como ficou caracterizado acima, trata-se da emergência de uma literatura com uma dupla recepção. Os escritores indígenas, impulsionados pela categoria editorial de “literatura infantojuvenil” e pela legislação vigente, encontraram condições propícias para a publicização de textos literários. O público leitor indígena e não indígena mobilizam distintos recursos culturais para a sua interação com a obra de Jekupé.

Em se tratando da literatura infantil, a produção literária de Jekupé passou a incidir no campo marcado por uma aproximação com a escola, motivada por um ideário relativo à instrução e à alfabetização escolares. Os personagens são, frequentemente, retratados em situações de aprendizagem, com um livro, ouvindo histórias e dialogando com os mais velhos e amigos. Como é sabido, também a cultura popular ganhou lugar de ficcionalização na literatura infantil, por exemplo, por meio do recurso à fala coloquial e a condição coletiva da transmissão de saberes.

Mas, esse cenário conta também com literaturas reacionárias, como a “epopeia bandeirante”, responsável por indicar, segundo as autoras Lajolo e Zilberman (1999), caboclos e índios como representantes de um país primitivo, tais como *O gigante de botas* (1941), *O espírito do sol* (1946), *Coração de onça* (1951), *Cem noites tapuias* (1976), de Ofélia e Narbal Fontes.

A literatura nativa de Jekupé participa das convenções da literatura infantil, mas elabora uma participação dissidente, ao romper não apenas com a perspectiva bandeirista indicada acima, como também por se afastar da retórica nacionalista, na qual tem lugar importante a figuração do índio. O termo “nativa”, que caracteriza a literatura do escritor Guarani, expressa o sentimento de dissidência com relação à sociedade nacional e anuncia que a sua origem não está determinada pela literatura brasileira. Ela deriva, em realidade, da experiência social dos povos originários, em particular dos Guarani.

Caracterização da produção literária de Olívio Jekupé

Em 1999, Olívio Jekupé publica pela primeira vez uma obra sua. Intitulada *500 anos de angústia* (JEKUPÉ, 1999), a obra contém poemas que – muitos deles em primeira pessoa, sendo narrativas de violências da vida na cidade – inaugurariam a sua produção literária dedicada ao “entre”, um lugar de enunciação de intermediários culturais. Após a publicação de *500 anos de angústia* (JEKUPÉ, 1999), apenas *Xerekó arandu* (JEKUPÉ, 2002a) retoma, por meio de relatos e contos, o tema das aflições de uma pessoa indígena na cidade.

Depois disso, houve uma tendência à ficção infantojuvenil, como *Iarandu, o cão falante* (JEKUPÉ, 2002a), *O saci verdadeiro* (JEKUPÉ, 2002b), *Ajuda do saci* (JEKUPÉ, 2006) e *Tekoa: conhecendo uma aldeia indígena* (JEKUPÉ, 2011). Encontramos também *Verá: o contador de histórias* (JEKUPÉ, 2003b) que, embora seja uma ficção, faz referência à performance e às narrativas orais do personagem Verá; Junto a *A mulher que virou urutau* (JEKUPÉ; KEREXU, 2011) e *As queixadas e outros contos guaranis* (JEKUPÉ, 2013), a obra reúne problemas de ordem da autoria coletiva e individual, porque a mera transposição de narrativas orais para a escrita não implica, necessariamente, a constituição do Autor.

Como dizem Almeida e Queiroz (2004):

Quem afinal, é o autor do conto oral? Fala-se em autoria coletiva, ou autor legião, na medida em que os textos são passados anonimamente de uma geração a outra, ainda que cada contador lhes acrescente seu estilo (dicção?) pessoal e as marcas de seu contexto sociocultural. O contador, portanto, figura sempre como intérprete, e a função da autoria é atribuída a abstrações como a tradição, a coletividade, o povo, não se cogitando a identificação de um autor individual (ALMEIDA; QUEIROZ, 2004, p. 148).

Deixarei de lado a discussão sobre a tensão entre a autoria coletiva e a autoria individual, adotando como foco dessa apresentação as narrativas ficcionais de autoria do escritor Guarani. É na relação entre o fictício e o imaginário que emerge os sentidos da literatura que pretendemos investigar. Se a interpretação do leitor é a atividade que coloca o texto em ação e faz interagir o texto com o imaginário, nosso exercício aqui será de fazer o texto interagir com imaginários relativos a distintas culturas, a do leitor “branco” ou “não indígena” (*jurua*) e a do leitor Guarani.

Trânsitos culturais e ficção de movimento

Embora exista uma extensa bibliografia dedicada ao estudo dos trânsitos culturais, o propósito aqui é indicar, sumariamente, a maneira pela qual a leitura conjunta de algumas das obras de Olívio Jekupé apontam para o trânsito cultural em duas instâncias, a da ação das personagens e a da imaginação dos seus leitores. Aqui encontramos a expressão do trânsito cultural na ficcionalidade do texto e na recepção, ou seja, a inscrição narrativa dos trânsitos no texto e o trânsito do texto entre leituras culturais distintas.

Em *Tekoa* (JEKUPÉ, 2011), visualizamos a narrativa de um menino *jurua* chamado Carlos, que, motivado por sua professora, pede ao seu pai para ir conhecer uma aldeia indígena. No seu período de férias escolares, Carlos desloca-se da cidade de São Paulo até a aldeia Guarani para solicitar ao cacique a autorização para a sua permanência por vinte

dias. Ao final das férias despendidas junto a Mirim, o menino *jurua* havia passado por uma profunda mudança de pensamento e percepção sobre a sua própria vida.

Vinte dias se passaram. Conheci todos os índios que moravam na aldeia Tekoa. Nesse período, aprendi uma infinidade de coisas. Para saciar minha curiosidade interminável consultei Mirim inúmeras vezes. Aprendi a acender uma fogueira, fritar paková verde, assar pão na brasa, usar arco e flecha, fazer armadilhas para caçar animais e apanhar aves, identificar espécies de árvores que fornecem remédios. Percebi que tal conhecimento jamais me abandonaria, porque tinha se convertido em sabedoria [...]

- Espero nunca esquecer esses dias incríveis que dividi com você e com todos por aqui. Costumo passar as férias escolares em lugares diferentes todos os anos. Mas nenhum foi tão legal quanto a Tekoa!

Mirim sorriu satisfeito. Ainda arrematei:

- Ficarei feliz se você for passar um tempo na minha casa também. Quando quiser saber como é a vida na cidade grande, basta me chamar (JEKUPÉ, 2011, p. 26).

Em *Ajuda do Saci* (JEKUPÉ, 2006), ocorre o inverso da obra anterior. Vera desloca-se da aldeia Guarani até a cidade, com o intuito de iniciar seus estudos na escola dos brancos e utilizar esses conhecimentos para defender o seu povo. No entanto, a percepção de Vera sobre a vida que as crianças *jurua* levavam na cidade o fazia sentir saudade da vida na aldeia.

Os *kunumi* correram todos ao seu encontro para saber coisas da cidade. Vera sentou-se com eles embaixo de uma árvore e falou sobre os costumes dos meninos da cidade. Contou que passam muito tempo sentados em frente a aparelhos, assistindo programas de televisão ou jogando videogames (...)

- Eles não brincam fora de casa? - perguntou um menino, curioso.

- Quem mora nos prédios cercados sim, mas quem mora em casa não pode brincar na rua. As ruas são movimentadas e perigosas. Além disso, as crianças têm muitos compromissos. Vão para as aulas de inglês, de natação, de karatê. Eu acho que os pais arrumam coisas para eles fazerem porque não têm tempo de ficar com eles. Por falar nisso, que tal nadar no rio e depois brincar de caçar? Sinto falta de correr e brincar ao ar livre (JEKUPÉ, 2006, p. 13).

A narrativa se desenvolve com a caracterização da cidade como lugar de cerceamento da brincadeira e do movimento, em oposição à liberdade vivida na aldeia. Em um determinado dia, Vera é atropelado por um carro e fica sem o movimento das pernas. Ainda no hospital, recebe a notícia de que não poderá mais andar, motivo de muita tristeza de seus pais e dos seus tutores na cidade. Contrariado, Vera volta à aldeia, onde seu pai pede a Kamba'i que cure o menino. O pedido do pai de Vera se realiza e o menino volta a andar na aldeia. O atropelamento de Vera é análogo ao atropelamento da aldeia pela cidade. De maneira inversa, a *tekoa* (lugar de produção e reprodução da vida Guarani) é o lugar de restituição do trânsito, do movimento. A literatura de Jekupé apresenta a mobilidade como elemento fundante da *tekoa*.

Em *Iarandu o cão falante* (JEKUPÉ, 2002c), a escola está presente na vida da aldeia Guarani e Vera opera o trânsito entre a sua casa e a escola, ambas localizadas na aldeia, mas pertencentes a modos de conhecimento distintos. Na sua casa, a sua mãe é a responsável por ensinar histórias orais. Já na escola, a professora condensa em sua figura os conhecimentos

dos *jurua* (“os brancos” e “não indígenas”). Mas vai ser o personagem Irandu, o cão falante, aquele responsável por afirmar a dinâmica da cultura em relação às práticas de leitura e escrita escolares. Em uma das vezes em que Popyguá volta a sua casa depois da aula, ele ouve vozes em sua casa e descobre pertencerem ao seu cachorro, Irandu. O cachorro pede a Popyguá para trazer mais livros da escola, porque estava desejoso de conhecer melhor a cultura dos *jurua*. Mantido em segredo, quanto mais estudava, mais inteligente ficava Irandu.

Em *O saci verdadeiro* (JEKUPÉ, 2002b), o trânsito também se expressa entre a aldeia e a escola. O menino Guarani que acompanhava as aulas com a professora *jurua* viu-se descontente com o modo como era contada a história do Saci, conhecido como Kamba’i pelo personagem. A história conhecida na escola contrastava com a história aprendida com sua mãe. Aqui fica evidente o conflito entre os modos de conhecimento oral e escrito, traduzido pela oposição entre a aldeia e a escola.

De repente a professora pegou o livro e mostrou a capa, que tinha o desenho do Saci-Pererê. Karaí sentava na frente e pôde ver muito bem. Assustou-se e ficou espantado [...]

Karaí, só ouvia, espantado com tudo o que escutava. Sua mãe falava bem dele e dizia tudo ao contrário do que ouviu da professora [...]

Quando a professora terminou, os alunos ficaram fazendo mais perguntas e ela respondia todas. Só o Karaí é que não fez nenhuma pergunta (JEKUPÉ, 2002b, p. 30).

É desse mundo, ao qual pertence a mãe de Karaí, que *Verá: o contador de histórias* (JEKUPÉ, 2003b) nos apresenta as suas performances narrativas. Trata-se de uma narrativa ficcional, com referências à oratura Guarani, colocada em ação pela performance do personagem Verá, em situações cotidianas. Essa obra encontra-se comprometida com o propósito de comunicar a vivacidade da oratura, uma escrita que comunica a oralidade Guarani. “Os meninos ficaram impressionados com mais essa história. - É uma história muito bonita! - disse um deles. - Sim, vou contar para todos os parentes indígenas que eu conhecer! E quem sabe, um dia, eu me torne um contador de histórias num programa de rádio [...]” (JEKUPÉ, 2003b, p. 42).

Do imaginário mitológico Guarani

Como vimos até aqui, a *tekoa* é representada como condição de deslocamentos, não como unidade autorreferenciada sob o signo da fixidez. Os temas da busca pela terra sem mal e a caminhada dos gêmeos Sol e Lua para encontrar sua mãe e seu pai são referenciais míticos que conferem relevo ao movimento, matéria de ficcionalização da literatura nativa de Olívio Jekupé.

No que diz respeito à busca pela terra sem mal, algumas versões de narrativas e cantos Guarani atribuem às situações adversas o motivo da caminhada em busca de um lugar onde o modo de vida, *nbandereko*, pudesse ser, plenamente, vivido. Esse aspecto encontra lugar na produção literária do escritor Guarani, que, como observamos acima, busca meios para a defesa dos povos originários e a afirmação da *tekoa*. Esse movimento para fora, mesmo por meio da literatura, é constitutivo do *fazer diferir* da produção da vida Guarani.

De maneira correlata, o movimento das personagens da literatura de Olívio Jekupé caminham também movidos pela ideia de recuperação produtiva de elementos capturados,

ora divindades e ora narrativas, e que devem ser restabelecidos no seu devido lugar. É o que se passa com o personagem Karáí, em *O saci verdadeiro* (JEKUPÉ, 2002b), quando diz a sua mãe que buscará aprender a escrever para contar as suas histórias, porque a versão *jurua* (“dos brancos” e “não indígenas”) não as contemplam. Esse movimento de procura, que inclui situações de risco, é análogo à caminhada dos gêmeos Sol e Lua para encontrar sua mãe, ambos objetos de sucessivas capturas. Disso podemos depreender, conforme leituras das obras de Jekupé, que a ordem cosmológica é produzida também com a mobilidade.

O tema dos atravessamentos de fronteiras, dos trânsitos e das circulações aproxima a condição de Jekupé à condição do espírito Jeupié, presente em *A fala sagrada* (CLASTRES, 1990). Antes da disjunção das terras e do fim do convívio dos humanos com as divindades, a sua vida era conjunta e viviam na abundância. No entanto, Jeupié, que era humano, teria transgredido a regra que conferia distinção às divindades; ao constituir relação amorosa com sua tia, Jeupié praticou o incesto, que era uma interdição.

Embora isso tenha desencadeado a disjunção das terras e a separação de humanos e divindades em distintos domínios de existência, Jeupié havia agido como um deus. Diante da condição ambígua do transgressor, as divindades mantiveram Jeupié junto aos deuses, evitando a sua ida à terra com os demais humanos. A condição de estar “entre mundos” aproxima, portanto, Jeupié e Jekupé.

Do imaginário não indígena

Um caso ilustrativo da leitura não indígena trata-se da interpretação dos personagens que são animais falantes, como é o caso da obra *Iarandu, o cão falante* (JEKUPÉ, 2002c). Sabe-se que, no pensamento ameríndio, é muito recorrente a narrativa de que nos tempos antigos os animais falavam, e que teriam perdido a sua capacidade de fala com a especiação originada por acontecimentos disjuntivos. No entanto, no que diz respeito à literatura infantil, a interpretação a respeito dos animais falantes é muito distinta.

Do ponto de vista da literatura infantil, as narrativas de animais falantes são classificadas como “lendas”, “fábulas” ou “folclore”, narrativas de eventos “fantásticos” e irreais. Essa interpretação contrasta com o reconhecimento ameríndio da intencionalidade e da capacidade comunicativa de animais, ou antes revela um conflito ontológico entre as diferentes leituras da literatura de Olívio Jekupé.

Ao permitir a interpretação *jurua* dos movimentos realizados pelas personagens Guarani, Jekupé obriga o leitor a avaliar a relação que as pessoas indígenas estabelecem com a sociedade nacional. Um leitor pouco familiarizado com a situação fundiária dos povos indígenas no Brasil, poderia situar os trânsitos entre a aldeia e a cidade como expressão da integração dos índios à sociedade nacional. Nesse sentido, é mérito da literatura de Olívio Jekupé antever esse julgamento e apresentar ao leitor *jurua*, na figura de Verá, de *Ajuda do Saci* (JEKUPÉ, 2006), e Karáí, de *O saci verdadeiro* (JEKUPÉ, 2002b), a coexistência, às vezes conflitante, de modos distintos de conhecimento. Mais do que isso, a literatura de Jekupé convida o “não indígena” à *tekoa* para fazer diferir – evento vivido pelo personagem Carlos, em *Tekoa* (JEKUPÉ, 2011); ao invés do sufocamento das tradições indígenas - “sob o asfalto quente da cidade” (JEKUPÉ, 2011, p. 27) –, a *tekoa* agencia movimentos.

Essa leitura *jurua* pode situar os deslocamentos Guarani como fruto das injunções produzidas na relação com a sociedade nacional. No entanto, mesmo que a leitura esteja sujeita a ambiguidades, ela não se deixa levar pela interpretação integracionista. Como

dissemos anteriormente, as personagens fazem, quase sempre, alusão à *tekoa* como condição dos deslocamentos bem-sucedidos. Prova dessa leitura é a narrativa do personagem Vera, que, ao ser atropelado na cidade, teve sua vida colocada em risco e perdeu o movimento das pernas. Embora a medicina *jurua* o tenha mantido vivo, não foi capaz de devolver ao personagem o movimento que lhe era próprio. Apenas na *tekoa* sua mobilidade foi recuperada mediante a cura xamânica.

Fazer diferir, a ocupação literária

Se optamos acima pela exposição das leituras em duas seções, não foi porque elas se opõem de maneira dualista. Ao contrário disso, as duas (ou mais!) leituras deslizam uma sobre a outra, imagem própria de uma literatura de movimento e que realiza trânsitos culturais também na interação do leitor com o texto literário. A literatura nativa de Olívio Jekupé visualiza uma dupla interlocução sujeita a ambiguidades, contradições e conflitos ontológicos.

Muito embora a *literatura nativa* de Olívio Jekupé sofra constrictões diversas, seja aquela promovida pela classificação editorial, ou a produzida pela articulação entre o Núcleo de Artistas e Escritores Indígenas e a Fundação Nacional do Livro Infantojuvenil, ela inscreve, ainda assim, uma dissidência singular entorno dos sentidos atribuídos à literatura indígena. Ao invés da interpretação fundacionista da escrita quanto à atividade literária, a ficção de Olívio Jekupé ativa o imaginário da oralidade como independente e produtora de singularidades do processo literário.

Se não podemos examinar, precisamente, os leitores da literatura de Olívio Jekupé, podemos, por outro lado, encontrar nos seus textos indícios da expectativa de interação com a sua obra. No que diz respeito aos modos de conhecimentos através dos quais a obra do escritor Guarani transita, podemos afirmar que a escrita literária de Jekupé constitui-se enquanto um conectivo, que ora contradiz, ora acrescenta ou complementa uma oratura. A ficção de Jekupé aposta no tensionamento, comunicando algo nada trivial.

Trata-se, portanto, de uma contraofensiva análoga à ocupação de terras. Aqui o propósito é a ocupação de territórios imaginários, a descolonização do imaginário *jurua* sobre os Guarani e demais povos indígenas no Brasil. *Como se* no interior do território literário, em um movimento de ocupação, o escritor reivindicasse determinadas condições de enunciação Guarani.

Há, nesse sentido, uma intertextualidade a ser investigada, traçada em dissidência com a literatura bandeirista. A narrativa do atropelamento de Verá, que faz alusão ao atropelamento das terras indígenas, colhe do cerceamento da vida indígena no país para ativar o imaginário das construções de estradas que, paradoxalmente, funcionam como um entrave para os múltiplos deslocamentos, produzindo sujeitos incapazes de movimento. Carlos, em *Tekoá* (JEKUPÉ; OLÍVIO, 2011), formula esse paradoxo de uma maneira particular, ao dizer que os Guarani estão próximos da cidade de São Paulo, ocupando um lugar de fácil acesso e tão pouco visitado. Mais do que uma simples defesa da visita a uma terra indígena, Carlos sugere um lugar de visita no imaginário. Seu retrato das tradições indígenas escondidas pelo asfalto (JEKUPÉ, 2011) corrobora a interpretação do atropelamento de Verá (JEKUPÉ, 2003). Com o propósito de correr mais rápido, os *jurua* se movimentam muito pouco.

A literatura de Olívio Jekupé é, certamente, encontro intempestivo. Uma literatura comprometida com a pluralidade dos mundos e com a possibilidade de transitarmos entre eles e nos fazermos diferir, sempre. A literatura nativa de Olívio Jekupé realiza, então, o *-guata* (“caminhar”, “viajar”), que promove caminhos e se protege do enclausuramento da identidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. I.; QUEIROZ, S. **Na captura da voz:** as edições da narrativa oral no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação.

Diário Oficial da União. Brasília, DF, 10 jan. 2001. S. 1.

CLASTRES, P. **A fala sagrada:** mitos e cantos sagrados dos índios Guarani. (Trad. Nícia Adan Bonatti). Campinas: Papirus, 1990.

JEKUPÉ, O. **500 anos de angústia.** Publicação independente, São Paulo: 1999.

_____. **Ajuda do Saci.** São Paulo: DCL, 2006.

_____. **Iarandu, o cão falante.** São Paulo: Peirópolis, 2002c.

_____. **O Saci verdadeiro.** Londrina: EDUEL, 2002b.

_____. (Org.). **As Queixadas e outros contos Guarani.** São Paulo: FTD, 2013.

_____. **Tekoa:** conhecendo uma aldeia indígena. São Paulo: Global, 2011.

_____. **Verá:** o contador de histórias. São Paulo: Peirópolis, 2003.

_____. **Xerekó Arandu:** a morte de Kretã. São Paulo: Palavra de Índio, 2002a.

JEKUPÉ, O.; KEREXU, M. **A mulher que virou urutau.** São Paulo: Panda Books, 2011.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **Literatura infantil brasileira:** história e histórias. São Paulo: Ática, 1999.